

Economistas afastam risco de hiperinflação

A ameaça de hiperinflação na economia brasileira, mesmo com uma guerra no Oriente Médio, é descartada pelos economistas. Dionísio Carneiro, da PUC, lembra que o Governo detém controle razoável de suas despesas, o que lhe garante equilíbrio mínimo; o ex-Presidente do Banco Central Carlos Langoni diz que a guerra não durará tempo suficiente para que a economia se descontrole; Gustavo Franco, da PUC, acredita que, em caso de situação extrema, o Presidente Collor não hesitaria em usar o congelamento para conter a disparada dos preços.

Dante da guerra, o aprofundamento da estagflação (inflação ascendente, aliada à recessão) é certo, dizem os economistas. No que toca à inflação, pela influência da alta do petróleo. Quanto à recessão,

são, em função do aumento das taxas de juros lá fora. A expectativa é de que as taxas de inflação subam em torno de quatro a cinco pontos em fevereiro e março.

Mas não deve ir muito além. Até porque, o raciocínio é feito com base em um tempo máximo de dois meses de guerra. Para Gustavo Franco, o conflito pode durar muito menos. E neste sentido ele acha, inclusive, que o Governo não deveria repassar todo o aumento ao mercado interno, já que com o fim da guerra os preços no mercado mundial cairão.

Langoni é a favor do repasse total. Ele defende ainda a criação de um imposto sobre combustível e é contra o racionamento — que classifica como instrumento recessivo, porque a produção é reduzida na mesma proporção do corte de demanda.